

Perfil

UMA VIDA CONTRA O LATIFÚNDIO

A trajetória de vida da paraibana Elizabeth Teixeira, 86 anos, confunde-se com a história da luta pela reforma agrária e pela emancipação do povo brasileiro

Por Isabel Harari

EU VOU CONTAR UMA HISTÓRIA
QUE NO NORDESTE OCORREU
NAS TERRAS DA PARAÍBA
A LUTA DE UM POVO POBRE
E DE UM LÍDER QUE MORREU

NO ANO 59 (1959)
NA CIDADE DE SAPÉ
NO SOLO PARAIBANO
TERRA DE GENTE DE FÉ
SURTIU UMA LIGA CAMPONESA
PRESTE ATENÇÃO SE PUDEU:

Nascida no dia 13 de fevereiro de 1925, no município de Sapé, Paraíba, Elizabeth Teixeira constrói sua trajetória em meio a lutas por justiça, terra e liberdade. De cabelo lavado e vestido que lhe parece grande demais, ela procura na gaveta um remédio para dor de cabeça. “O médico me receitou, ‘Voltarem’. É que lembrar tudo é muito triste, dói demais.”

A história de Elizabeth e seu marido, João Pedro Teixeira, acontece em meio a um quadro de fome, opressão, exploração e repressão da força de trabalho no campo. As reivindicações por melhores condições de sobrevivência do camponês e a luta pela implantação de uma reforma agrária justa no país culminaram no assassinato de João Pedro e no posterior exílio de sua esposa. Nem a violência privada do latifúndio, nem a oficial exercida pelo aparato estatal, no entanto, conseguiram sufocar os ideais da luta camponesa: os líderes do campo não morrem jamais, a memória deles continua viva e alimenta as manifestações presentes e futuras.

Em meados dos anos 40, o comerciante e fazendeiro Manoel Justino da Costa, pai de Elizabeth, estabelece um contrato com a pedreira local para que a sua venda se tornasse fornecedora exclusiva da feira mensal dos empregados. Por ter completado a quarta série, a filha é escalada para ajudar o caixeiro nas contas da mercearia. João Pedro Teixeira, trabalhador alugado, é o encarregado do transporte dos mantimentos. Os dois se conhecem, se gostam, se apaixonam, até que chega o momento do pedido de casamento.

Manoel, dono de terras, gado e comércios se recusa a aceitar a solicitação de João Pedro, Elizabeth relembra: “Papai dizia assim: ‘A minha filha mais velha, casar com um homem pobre, trabalhador de pedreira alugado... não. A minha filha tem que casar com um homem que tenha condições de vida. Não casar com um pobre, e, além disso, preto. A minha filha mais velha casar com um homem preto? Negro e pobre? Não minha filha, você tem que casar com um rapaz que tenha condições, que tenha carro, que tenha terra, que tenha comércio, que tenha vida. Não com um pobre.’ Não aceitou não, de jeito nenhum papai



Isabel Harari

Elizabeth Teixeira



Isabel Harari

Sítio onde morou Elizabeth e seu marido João Pedro

aceitou. Aí eu fugi.”. No meio da noite, no carro do tio de João Pedro, os dois fogem para o município de Cruz do Espírito Santo, onde se casam, na igreja e no civil.

A pedreira fecha. João Pedro e Elizabeth mudam-se para Recife em busca de trabalho. A esposa compra lápis, caderno, cartilha e ensina o marido, até então analfabeto, a ler e a escrever. Ele lia muito jornal e a Bíblia, por conta de sua formação Evangélica, que abandonou mais tarde ao ingressar na luta do campo. Elizabeth, no entanto, sempre permaneceu fiel à Igreja Católica, e conta que, apesar de diferentes crenças, o marido nunca impôs sua fé aos filhos ou a ela.

Na casa de seu pai, lembra-se, havia quartos e carros sobrando, além de uma cozinheira, ‘tia’Ana, e uma faxineira que vinha de oito em oito dias fazer a limpeza. Em Recife a situação era diferente, estava sozinha com quatro primeiros dos 11 filhos que viria a ter: Marluce, Abraão, Isaac, Marta, Paulo, José Eudes, João Pedro filho, Carlos, Maria das Neves, Ana e Maria José. “Eu casei com um rapaz muito pobre, pobre mesmo, mas graças

a Deus deu tudo certo na nossa vidinha. João Pedro me ensinou tudo. A cozinhar, a escolher um feijão, lavar, colocar no fogo, como fazer um café, preparar uma carne... Me ensinou tudo.”

Os padrinhos de Elizabeth morrem e deixam de herança para Manoel um sítio em Barra da Anta do Sono, próximo a Sapé. Ao saber das dificuldades de sobrevivência da filha no Recife, o pai manda um convite para que ela e sua família venham morar na propriedade herdada. A volta para a Paraíba é marcada pelo início da movimentação política de João Pedro, e conseqüentemente, de Elizabeth.

Vivendo da terra, a família continuava passando dificuldades para sobreviver. O pai, que nunca aceitou o casamento, aproveitava-se dessa situação para tentar separar a filha do marido. Elizabeth conta que um dia o motorista foi lhe buscar no sítio e a levou até a casa do pai, que estava lhe esperando com um carro novo, o sonho da menina quando criança, e um baú. “Abre”, disse ele, no que ela negou. Manoel destrancou o cadeado e

ração entre os proprietários dos engenhos/usinas do setor canavieiro e os camponeses empregados em suas fazendas. A legislação trabalhista sancionada durante o governo de Getúlio Vargas não se estendia aos trabalhadores rurais, que, sem nenhum tipo de regulamentação, tinham seus direitos atropelados pelos grandes latifundiários.

PARA ENFRENTAR ESSA OPRESSÃO
JOÃO PEDRO TEIXEIRA

abriu a tampa: o baú estava cheio de dinheiro. “Você trouxe seus documentos? Eu te dou o carro e o baú se você não voltar para aquela casa. Você não vai precisar de nada. Vamos para cidade, você compra roupas novas, o que quiser... É tudo seu se você não voltar mais.” Elizabeth balança a cabeça e pede para ser levada de volta ao sítio.

Como trabalhador do campo, João Pedro Teixeira passa a ter contato direto com os problemas e injustiças provenientes da relação de explo-

SEMEOU A UNIDADE
DE TODA GENTE FOREIRA
DA REGIÃO DE SAPÉ
MAS DE FORMA SEMPRE ORDEIRA

O foro (imposto), por exemplo, não era pago em dinheiro, e sim por meio da prática do “cambão”, que consistia no pagamento do aluguel da terra com dias de trabalho gratuito. Outra prática exercida pelos donos de terras era a distribuição do salário sob a forma de “Vale do Barracão”: O “barracão” era a venda que pertencia ao proprietário, única fonte de alimentos e outras necessidades, e fornecia apenas a quantidade necessária para manter o camponês vivo e trabalhando. A mercadoria era vendida a preços altíssimos, fazendo com que o trabalhador permanecesse sempre em dívida e dependente do “barracão”, e se houvesse a intenção de ir embora, era preso, torturado e muitas vezes morto nas mãos da polícia ou dos capangas do latifundiário.

O processo de agregação dos trabalhadores para a conscientização de seus direitos como empregados e como seres humanos culminou na fundação, em 1958, da “Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé”, a primeira Liga Camponesa da Paraíba, fundada por João Pedro. No início, era voltada para iniciativas de assistencialismo e defesa dos direitos de arrendatários, assalariados e pequenos proprietários rurais. Mas, a partir da década de 60, passou a atuar como ferramenta de organização do movimento agrário.

A luta era cotidiana, João Pedro, juntamente com outras lideranças como Pedro Fazendeiro e Nego Fuba, percorriam feiras, engenhos e fazendas para conversar com os camponeses e exercer um trabalho de conscientização da realidade a que estavam submetidos. A luta de Elizabeth era em casa; participava das reuniões que aconteciam em sua residência aos sábados e domingos, quando ela era responsável pela filiação dos novos membros. O número de associados cresceu; em 1961 a associação contava com quase 15 mil filiados, entre camponeses, trabalhadores urbanos, profissionais liberais e estudantes.

ISSO PARA O LATIFUNDIÁRIO
INCOMODAVA DEMAIS
QUE USOU DE VIOLÊNCIA
EXPLICITA E CONTUMAZ
ROUBANDO DO TRABALHADOR
SUA VIDA OU SUA PAZ

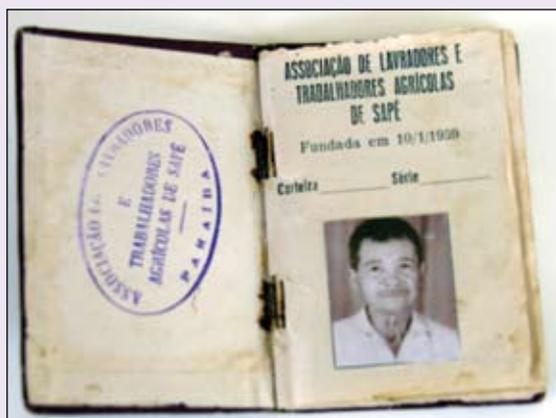
A batalha pela terra desencadeou um processo de repressão e perseguição aos líderes. Prisões sistemáticas, assassinatos e boicotes às plantações eram encabeçados pelos grandes proprietários de terras que acreditavam que, com a eliminação das lideranças camponesas, o movimento se extinguiria. Elizabeth lembra-se que, todas as noites ao voltar para o sítio, João Pedro lhe dizia: “ ‘Olha, minha filha, vão tirar a minha vida, eu sei. A Reforma Agrária vai ser implantada em nosso país, mas vão tirar a minha vida. Você continua a minha luta?’ E eu ficava calada, nunca tinha resposta pra dizer, e os nossos filhos chorando em cima da cama, quando ouviam que iam matar o pai. Ele sabia que iam tirar a vida dele.” No dia 2 de abril de 1962 a previsão de João Pedro Teixeira se concretizaria.

Na Estrada Café do Vento, entre Sapé e o sítio Barra de Anta do Sono, João Pedro, que havia ido até o município para falar com o advogado sobre um terreno alugado e comprar livros para os filhos, é surpreendido por dois soldados e um vaqueiro disfarçados que disparam três tiros em

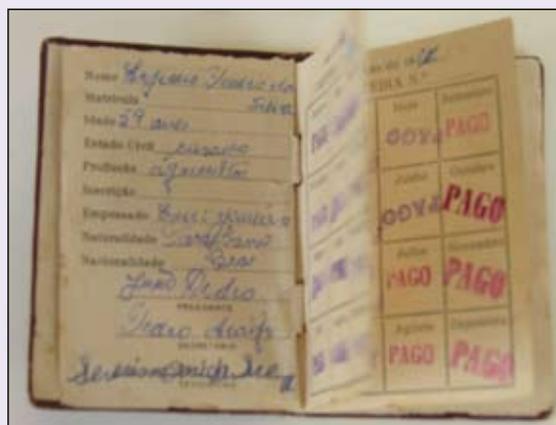


Jornal A União (4 de abril de 1962)

Monumento em homenagem a João Pedro Teixeira, na estrada Café do Vento



Carteira de filiação emitida pela Liga Camponesa de Sapé



Carteira de filiação da Liga Camponesa de Sapé com assinatura do presidente, João Pedro

seu peito. Somente no dia seguinte, Elizabeth recebe a notícia da morte de seu marido: “No momento que eu tomei conhecimento que ele tinha sido assassinado na estrada, e o corpo já se encontrava em Sapé. O carro veio me ver, com todos os filhinhos, eu fui e cheguei lá, peguei na mão dele, melada de sangue, e disse: ‘João Pedro, quantas vezes você me perguntou se eu continuava a sua luta e eu nunca tive resposta para dar, mas a partir de hoje eu continuo a sua luta, para o que der e vier’. E os bichinhos começaram a chorar. Eu continuei a luta dele, no campo, pelos engenhos...”

E DEU MAIS UMA TRISTE PROVA
QUE SERVE BEM À RIQUEZA
QUE NÃO PROTEGE O HOMEM
ORIUNDO DA POBREZA
E AO MEDITAR SOBRE ISSO
AUMENTA MINHA TRISTEZA

5 mil camponeses comparecem ao enterro de João Pedro Teixeira, em um ato de homenagem ao líder e protesto contra a impunidade e violência no campo. O juiz de Sapé determina a prisão do fazendeiro Agnaldo Veloso Borges, acusado de ser o mandante do crime. A pena, no entanto, não é efetuada por uma questão de imunidade parlamentar. Borges, na época 5º suplente de Deputado Estadual, fez com que seus antecessores renunciassem para que assumisse o cargo e adquirisse as regalias deste. O tribunal absolveu, por unanimidade, a dupla de soldados, e o vaqueiro, por sua vez, desapareceu.

Em um projeto da UNE-Volante, o cineasta Eduardo Coutinho e sua equipe viajavam pelo nordeste brasileiro no intuito de retratar e resgatar a cultura de regiões isoladas econômica, política e socialmente. A caravana chega a João Pessoa e se depara com o enterro do líder sindical. A comoção da população frente ao assassinato do camponês é o estopim para um projeto que só terminaria 22 anos depois: a produção do filme “Cabra marcado para morrer”. A primeira parte conta a história da vida de João Pedro Teixeira em paralelo com o surgimento das Ligas Camponesas e o crescimento do movimento sindical. É protagonizada pelos próprios camponeses de Sapé e do engenho Galiléia (município de Vitória de Santo Antão, em Recife), Elizabeth e seus onze filhos. A produção, no entanto, é interrompida pelo Golpe Militar em abril de 1964, é só retomada 17 anos depois, sob a forma de documentário, em um processo de resgate da memória das lutas camponesas e de seus personagens.

Aurélio de Alburquerque, secretário de Estado, escreveu no jornal **A União** de 4 de abril de 1962: “João Pedro viverá(...) Encarnava uma idéia, um programa, uma reivindicação justa, humana, inadiável. Sobreviverá, pois, à truculência, ao casete, à bala de fuzil. Os criminosos perderam seu tempo e avivaram a fogueira. João Pedro viverá e vencerá!”. Elizabeth Teixeira assumiu a presidência da Liga Camponesa de Sapé, e junto com Pedro Fazendeiro e Nego Fuba, deu continuidade a luta por terra e liberdade.

ELA NÃO SE AMEDRONTOU
O ESPOSO SUBSTITUIU
CONVOCANDO O CAMPONÊS
E ASSIM ELA UNIU
CADA VEZ MAIS GENTE À LIGA
GRANDE FORÇA DO BRASIL

A ascensão de Elizabeth como uma das líderes do movimento sindical agrário no Nordeste, em meio a uma sociedade patriarcal e preconceituosa, fez com que o número de mulheres atuantes na

Liga Camponesa e em outros movimentos sociais aumentasse exponencialmente. “E as mulheres dos trabalhadores quando souberam que eu tinha assumido iam todas me abraçar, as companheiras, as pobres, trabalhadores alugadas da terra”, lembra

A batalha por melhores condições de vida aos trabalhadores e pela implantação de uma reforma agrária justa no país transcendeu fronteiras: uma comissão é formada para ir a Cuba promover um intercâmbio entre ideais e métodos de luta. Elizabeth conta que conversou com Fidel e Che Guevara, ambos conscientes da situação do trabalhador rural do Brasil e da necessidade de mudanças na estrutura do aparelho estatal. O então presidente cubano convida a líder camponesa a permanecer na ilha, o que ela nega, reiterando a necessidade de lutar pelo Brasil, no Brasil. Fidel cede uma bolsa de estudos para Isaac, filho de Elizabeth e João Pedro, para que este estude medicina em Cuba.

A volta para o Brasil é marcada pelo recrudescimento da violência no campo. Elizabeth é vítima de ameaças e prisões sistemáticas. “Os tiros que davam à minha pessoa, na minha casa... eram tiros e mais tiros, pra ver se eu me intimidava e abandonava a luta. Era presa, liberada e continuava

a luta... a luta é difícil, a luta pela terra é difícil”.

Em uma das ações da polícia para prender Elizabeth, em que dois carros disparam tiros sobre sua casa, a filha mais velha, Marluce, se desespera: “Vão tirar a sua vida, que nem tiraram a de meu pai. A senhora vai presa, mas não volta.”, lembra Elizabeth. A líder sindical, com a ajuda de um advogado, livra-se da prisão e retorna para o sítio. Encontra a filha agonizando no chão, consequência do veneno misturado com mel de engenho que ingerira em meio à incerteza da volta da mãe. Levam a menina às presas para o hospital em João Pessoa, mas ela chega morta. “Isso não é sofrimento para uma mãe? É sofrimento dar continuidade a luta do pai, e ver uma filha assassinada assim. Eu não sei como é que eu vivi e agüentei tudo isso, eu não sei como não me deu um ataque e eu não morri.”

Com o Golpe Militar, Elizabeth Teixeira, juntamente com outros líderes camponeses, é presa pelo Exército, onde permanece oito meses encarcerada. Dentro da prisão, toma conhecimento do assassinato de mais dois filhos: José Eudes e João Pedro filho. Ambos herdaram o espírito de luta dos pais, e clamavam que iam tomar a liderança do movimento camponês quando chegassem à idade



Elizabeth Teixeira no quintal de sua casa, em João Pessoa



Durante as filmagens de **Cabra marcado para morrer**, que tem como personagem central o ex-marido João Pedro



Com Eduardo Coutinho, ao receber prêmio concedido ao filme

adulta. José Justino, irmão de Elizabeth que, assim como o pai não aceitava nem seu casamento nem sua posição política, aponta uma arma em direção a João Pedro filho, forçando-o a atirar no irmão. Quando João Pedro, Justino mata-o também. “Eu não sei como ele não mandou tirar a minha vida.”, conta Elizabeth.

O cumprimento da pena no Exército implicava no risco de ser presa novamente pela polícia. Um companheiro de luta, ao saber da liberação de Elizabeth, cede um carro e uma casinha na cidade de São Rafael, no Rio Grande do Norte para a líder camponesa se esconder do regime ditatorial. Com os filhos sobreviventes espalhados, exceto por Carlos, que vai junto – por ser muito parecido com o pai, foi impedido de permanecer na casa do avô, Manoel -, Elizabeth, então, segue para o exílio.

Sob o nome Marta Maria da Costa, a líder sindical inicia uma fase de isolamento e incertezas. “À noite eu chorava, pensava nos meus filhos. Foi muito triste aquela ditadura, muito triste a minha separação dos meus filhos, não sabia se estavam vivos ou mortos. Não podia ter notícia, se a polícia soubesse que estava lá, me matava”. Inicialmente viveu como lavadeira, mas uma infecção a impediu de continuar na profissão. A quantidade de crianças ociosas nas ruas da cidade chama-lhe a atenção, ao indagar o porquê, recebe a resposta que a escola era longe demais, não valia a pena estudar. Decide então iniciar um processo de alfabetização na pequena cidade. Através de acordos com as mães e vizinhas, monta uma sala de aula, onde, em troca de refeições diárias e mais tarde um pequeno salário, ensina a ler e a escrever.

NÃO ERA NENHUMA BONDADE
DE QUEM ESTAVA NO PODER
MAS DA LUTA DA NAÇÃO
QUE EXIGIA VIVER
DESFRUTANDO A LIBERDADE
E O DIREITO DE ESCOLHER

O processo de redemocratização do Brasil, fruto das pressões populares culminaram na formulação da Lei de Anistia de 1979. O documentarista Eduardo Coutinho, determinado a finalizar o filme “Cabra marcado para morrer”, cujos resquícios consistiam em cinco fotografias contrabandeadas pelo assistente de direção e

algumas fitas que já haviam sido enviadas ao laboratório na época, inicia um processo de resgate da memória e das personagens que fizeram parte do movimento camponês dos anos 50 e 60. Com a ajuda de Abraão, filho mais velho de Elizabeth, descobre o paradeiro da líder sindical.

Finalizadas as filmagens no Rio Grande do Norte, Elizabeth retorna a João Pessoa, onde, em uma casa comprada por Coutinho, mora até hoje. A residência, no bairro central de Cruz das Armas, é ampla, os quartos são divididos entre Elizabeth, Ana – sua filha – e seu marido, e as duas netas, Pricila e Rebeca. O quintal, abarrotado de cajueiros e árvores de siriguela, além de um galinheiro e de Rubica, um cachorro branco com os pelos compridos demais, abriga caixas e mais caixas lotadas de lembranças e memórias adquiridas ao longo de quase 90 anos.

O reencontro com os filhos e companheiros logo após a anistia é marcado pela alegria e surpresa. Familiares e amigos eram praticamente desconhecidos, fruto do hiato de 17 anos gerado pela Ditadura Militar. “Todos acharam que eu estava morta”, lembra Elizabeth.

ELIZABETH TEIXEIRA,
COMO O MARIDO VIROU
UM MITO DA PARAÍBA
QUE PAGOU UM PREÇO ALTO
POR SONHAR POR IGUALDADE
RESPEITO, PAZ E AMOR

A luta pela terra continua. Quase 50 anos após a morte de João Pedro Teixeira, os problemas de injustiça, exploração e violência persistem. Apesar do processo de sindicalização e regulamentação do trabalho no campo, a maioria das terras ainda pertence aos grandes latifundiários, interessados em proteger seu patrimônio privado em detrimento do bem público. A luta só vai ter fim quando for solucionada a contradição que lhe deu origem. “A terra pertence os poderosos, pra eles cederem essa terra, vai ser demorado. Até hoje a reforma agrária não foi implantada em nosso país. E eu dizia ‘vai ser demorada essa luta pela terra’”. Porque a terra pertence às grandes propriedades, às usinas. E pra essa terra pra ser desapropriada, vai demorar. Já fazem quase 50 anos da morte de João Pedro, e a Reforma Agrária nada. Quem luta pela implantação de uma política mais justa,

foi assassinado barbaramente. O trabalhador do campo precisa da terra para sobreviver. Mas até hoje nada. “Enquanto a terra estiver presa nas mãos dos latifundiários, vai ter luta.”, explica Elizabeth.

A batalha, no entanto, continua em casa. A idade e o cansaço impedem que a líder sindical percorra fazendas, engenhos e usinas para lutar junto aos trabalhadores. Quando recebe convites, Elizabeth se desdobra para comparecer as palestras, fóruns e encontros. A baixa estatura e fragilidade da idade contrastam com a voz forte e discurso emocionado como o que proferiu no congresso do MST em 2007 e na Universidade de João Pessoa esse ano. O conhecimento do passado é de suma importância para a construção de um presente e futuro transformadores que reivindicam liberdade e justiça.

Durante o dia, Elizabeth lava um pano de prato ou outro, cozinha o almoço das netas e, se tiver tempo, deita em sua casa e descansa. “Eu lembro, muito. Toda noite eu me deito e a primeira coisa que eu penso, eu me lembro dele, sonho com ele, sentada na cama. Lembro de João Pedro. E fico pensando, ‘será que tanta tristeza em minha vida aconteceu porque eu desobedei à vontade de meu pai? Me casei contra a vontade dele? A pessoa quando nasce pra sofrer... parece que nasce com o destino de sofrer. Eu acho que eu nasci com esse destino.”, conta enquanto mexe nas duas alianças em seu dedo, a primeira- menor- segurando a outra que lhe parece grande demais, pertencente à seu falecido marido.

Conta nos dedos os filhos que sobreviveram: “Paulo já morreu, Abraão já morreu, os dois [João Pedro Teixeira filho e José Eudes] foram assassinados, Marluce suicidou-se. Só tenho dois filhos vivos homens; Isaac e Carlos. Acho que no natal ele vem aqui, todo natal ele vem a minha casa. Marta e Maria das Neves estão desaparecidas, elas foram para o Rio de Janeiro, telefonavam pra mim todo mês, mas já faz anos que não telefonam... acho que não estão vivas não. Morreram e não deram mais notícia. Maria José mora aqui e é professora. A Ana mora aqui comigo.”

“Eu falava que a reforma agrária iria ser implantada em nosso país, e que o trabalhador da terra teria o direito de plantar, de viver com os seus filhos, que a situação do campo iria melhorar para todos os trabalhadores. Não só do nosso Estado, a Paraíba, mas do nosso país, Brasil. É o que eu dizia para o povo, e digo até hoje. A luta do povo não é uma luta em vão, é uma luta que tem compromisso. E é com a luta que vai acontecer a Reforma Agrária. A terra para o homem do campo, não terras improdutivas nas mãos dos ricos, sem plantar nada. A terra tem que ser movimentada. A Reforma Agrária vai ser implantada. Com a luta de João Pedro, minha, e de muitos companheiros que lutavam e ainda lutam pela terra.”

ELIZABETH TEIXEIRA
É SEU QUERIDO COMPANHEIRO
NÃO QUERIAM NADA ALÉM
QUE O RESPEITO AO FOREIRO
É DIGNIDADE PRA QUEM
É NATIVO OU FORASTEIRO

E HOJE POR ONDE PASSA
EM JÓ SOARES OU NUMA ESCOLA
ELA PREGA A MESMA COISA
SEM TER MEDO DE PISTOLA
“O QUE O NOSSO POVO PRECISA
É DE RESPEITO E NÃO DE ESMOLA”.

“Latifundiários deixariam o universo às escuras se fossem proprietários do sol”

Após quase 50 anos da morte do líder camponês, João Pedro Teixeira, a Reforma Agrária ainda não foi implantada no Brasil e os trabalhadores rurais continuam atrelados aos grandes proprietários de terras. Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sapé (STR), João Antônio Alves, o processo de sindicalização em massa promovido nos anos 80 melhorou as condições de vida dos camponeses, hoje, por exemplo, o salário médio de um cortador de casa é de R\$1050,00 reais mais benefícios cedidos pelo governo, como PIS (Programa de Integração Social). No entanto, alerta para o fato de que enquanto as terras permanecerem nas mãos dos latifundiários vai haver um quadro de repressão e opressão.

Marcado para morrer, João Antônio reitera a situação de extrema violência por parte dos grandes proprietários de terra e descaso do governo. “Para me livrar de ameaças de morte, passei um tempo dormindo fora de casa, andando com segurança. Começamos um trabalho com três sindicatos; o de Santa Rita, e de Sapé e Cruz de Espírito Santo para combater a violência contra os líderes sindicais. Eu cheguei a sofrer dez atentados... Mas graças a Deus, estou vivo contando a história. Não existe diretamente um movimento sobre a questão de ameaças, num período de 21 anos, temos todas as queixas registradas na delegacia, mas não chegou nenhuma a ir para o júri, porque não se tem provas concretas de quem mandante. Não temos nenhuma assistência do governo.”

Crítico ao governo Lula e Dilma, o presidente do sindicato explica que enquanto os latifundiários estiverem acima do Estado, não vai haver mudanças concretas. “O governo permite que os sindicatos entrem nas propriedades para ver se não está ocorrendo exploração da força de trabalho. Mas o proprietário tranca e porteira. Não podemos entrar. E o Estado? Fica quieto, porque depende do dinheiro do latifundiário. Como é que em oito anos de governo Lula, Dilma agora quase com dois, gente ainda falar em trabalho escravo, e questão que ainda tem sindicato que não pode entrar em propriedade. Eu acho isso um absurdo.”